

Funai protesta contra o enredo da Viradouro

Conselho Indigenista Missionário pede providências ao Ministério Público contra suposta violação do direito dos índios

Alan Gripp, Alba Valéria Mendonça, Cátia Seabra e Jailton de Carvalho

● BRASÍLIA e RIO. O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Glênio Alvarez, fez ontem um protesto formal em nota oficial condenando a decisão dos dirigentes da Unidos do Viradouro de associar a imagem do índio à preguiça no enredo da escola que será apresentado no carnaval. Ele reclama também da divulgação, pela Internet, do trecho do enredo intitulado "Ala do arranco - Índio, o bicho preguiça do setor 6". Para ele, o carnaval ou mesmo o direito à li-

berdade de expressão não podem ser usados como pretexto para desvirtuar a imagem do índio.

"Os índios brasileiros têm seus usos, costumes e tradições diferenciados da sociedade nacional, não sendo autorizado que a imagem de sua pessoa ou de seus costumes sejam desvirtuados ou denegridos a título de direito de liberdade de expressão, que encontra limites, inclusive em festividades como o carnaval", diz a nota. No texto, Glênio menciona a possibilidade de recorrer à Justiça para assegurar o respeito à cultura indígena. Mas, até a divulgação da nota,

o comando da Funai ainda não havia decidido se tentará ou não processar a Viradouro.

A reação contra o enredo da escola não se limita à Funai. O Conselho Indigenista Missionário (Cimi), vinculado à Igreja Católica, encaminhou ao Ministério Público o texto do enredo e pediu providências contra a suposta violação dos direitos dos índios. Foi anexada à documentação a reportagem da edição de ontem do GLOBO sobre o assunto. Na próxima semana, o procurador da República, Roberto Santoro, decidirá se o material é suficiente para que a Viradouro seja denunciada.

O trecho do enredo, que também vincula o baiano à preguiça, desagradou ao deputado Luís Carlos Aleluia (PFL-BA), um dos candidatos a líder do partido na Câmara. Para ele, é um equívoco achar que o baiano, por ter um modo próprio de agir, seja preguiçoso:

— O baiano é sensível. Não se deixa transformar em máquina. Isso pode dar a impressão de preguiça. Não é nada disso. O baiano tem conquistado todos os seus objetivos, à sua maneira. E essa constatação pode causar inveja em muita gente.

Um dia depois de se transformar no principal alvo da polê-

mica deste carnaval, a Viradouro alegou ontem que na sinopse do enredo "Os sete pecados capitais" — que será entregue aos jurados do desfile — está que a associação do índio com o ócio, na fantasia "Índio, o bicho preguiça" é uma crítica à visão errônea de que o índio é preguiçoso. O presidente da Viradouro, José Carlos Monassa, disse que em momento algum a escola quis agredir ou ridicularizar os índios.

— O que houve foi um mal-entendido, problemas causados por um texto mal escrito. Tudo isso faz parte da herança que o ex-carnavalesco nos deixou — disse Monassa, se refe-

rindo a Roberto Szanieck, demitido da Viradouro no fim do ano passado. — Na verdade, o que ele queria mostrar era a idéia que os portugueses tinham dos índios.

Autor do enredo da Viradouro, o carnavalesco afastado Roberto Szanieck, nascido na Polônia, tenta minimizar a polêmica em torno da abordagem da preguiça. Ele explicou que a idéia de associar o índio ao ócio tem o objetivo de mostrar a visão distorcida que o português tinha da população nativa quando chegou aqui:

— Todos sabem que o índio não é preguiçoso, historicamente ele é um guerreiro. ■

